

# Mate'viva

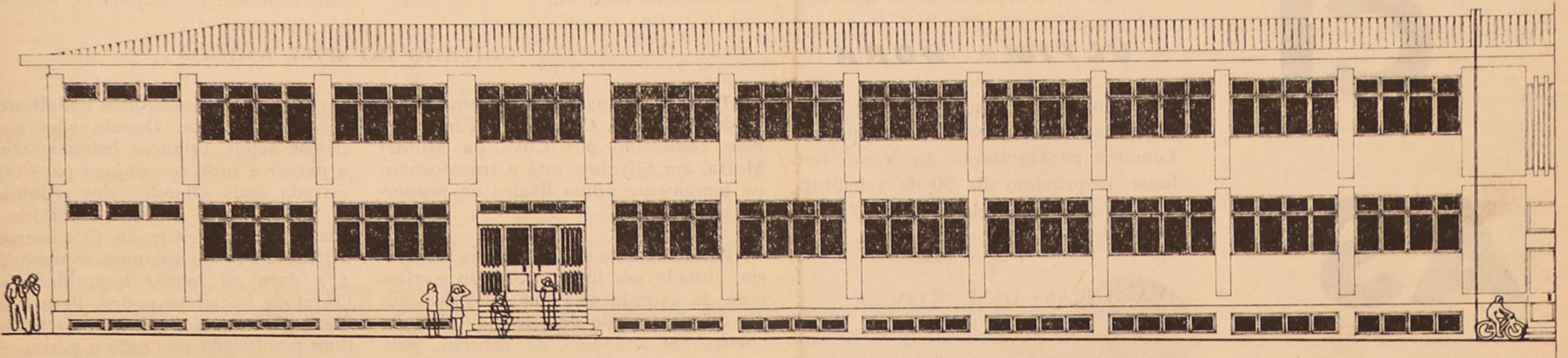
DIRECTOR: ANTÓNIO A. SANTOS

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 9 — PREÇO 3\$50 — 25/8/76

(Avençado)

## Complexo Escolar e Desportivo



Fachada principal (Norte) da Escola

### Da memória descritiva

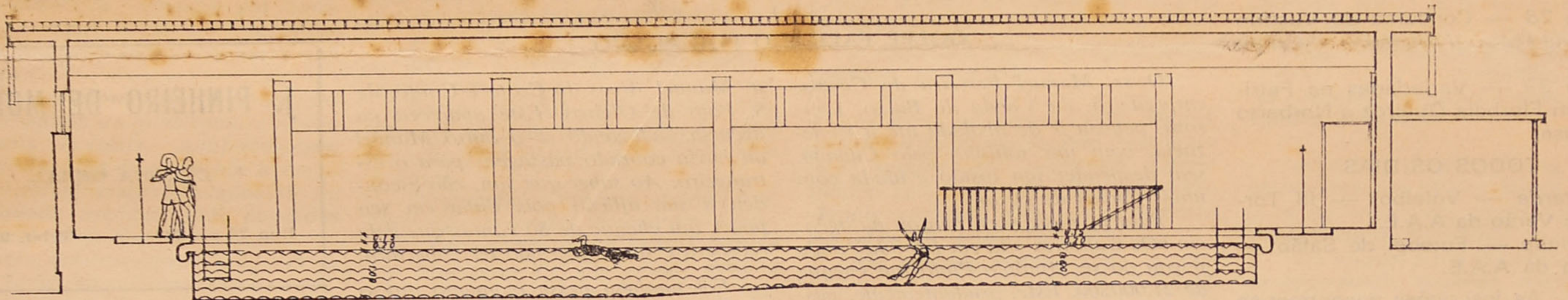
«Para centralizarem num só empreendimento várias actividades e, como se diz, «juntar o útil ao agradável» resolveu a C.M.E. levar a

efeito este complexo Escolar e Desportivo, que, além de inédito, tem a particularidade de incentivar a nossa juventude à prática das modalidades desportivas chamadas pobres tais como o minibasquete, andebol e atle-

tismo, bem como a natação, só possíveis através do fomento de estruturas deste género e da iniciativa das entidades superiores responsáveis».

«O Autor do projecto e a Ex.ma Câmara farão o máximo em que as

instalações a criar sejam dotadas do melhor conforto e contextura arquitectónica que as mais modernas técnicas pedagógicas exigem no tempo em que vivemos e, ao mesmo tempo, engrandecer a cidade de Espinho».



Corte da Piscina Escolar. O tanque de água tem as dimensões de 20 x 10 metros

## Senhor Director das Instalações Escolares, basta de burocracia

LEIA NA PÁGINA 5

## UMA CIDADE PARTIDA EM DUAS

Espinho. Uma cidade partida em duas. O que em tempos foi importante para o progresso da terra é agora motivo de preocupação, de controvérsia e de discussão acesa. A volta da linha de caminho de ferro lançam-se sugestões, fazem-se projectos que se abandonam e elaboram-se orçamentos com números astronómicos. As verdadeiras soluções são substituídas por remendos que pouco resolvem, e a C.P. parece indiferente às críticas que constantemente lhe são atiradas.

E a situação agrava-se dia a dia. O trânsito automóvel é cada vez maior e maiores são por isso as bichas de automóveis que não escondem a sua impaciência frente às passagens de nível. Os «concertos» de buzinas passaram a ser tão habituais como o silvo dos comboios que entretanto vão aumentando o número das vítimas.

A situação não se apresenta de facto tão cor-de-rosa como a R.T.P. a quis apresentar numa recente reportagem sobre o assunto. Ora vejamos.

### CANCELAS AUTOMÁTICAS. MAIOR SEGURANÇA, POUCA EFICIÊNCIA.

Quando há alguns anos a C. P. se lembrou de instalar cancelas automáticas nas passagens de nível com maior movimento poder-se-ia pensar que com a substituição do homem pela técnica as demoras e os acidentes desapareceriam. Se houve realmente progressos, estes foram rapidamente neutralizados pelo crescente movimento na cida-

(Conclui na página 7)

## DE SEMANA A SEMANA

### O PREÇO DA INFORMAÇÃO

Na passada semana a Imprensa noticiou, com base no Decreto-Lei n.º 645/76, de 30 de Julho, o aumento de preço dos jornais a partir de 1 de Setembro próximo.

Se a inflação, um dos grandes males do capitalismo, a isso obriga, este novo agravamento de custo dos jornais, que nalguns casos rondará os 90%, cada vez afasta mais o Povo da Informação. Para um povo que deseja caminhar para o Socialismo este facto é preocupante, pois cada vez mais o expõe ao «diz-se... diz-se» e, como consequência natural, ao caciquismo que não desperdiça as

oportunidades que se lhe apresentam.

Segundo o artigo 37.º da Constituição «todos têm o direito de se informar, sem impedimentos nem discriminações».

Mas a verdade é que, com o aumento de preço substancial que se espera dos órgãos de comunicação social escrita e com um salário mínimo que tarda em actualizar-se, nem todos poderão fruir esse benefício.

Como verá o povo português defendido, na prática, aquele seu direito de se informar?

# NO TI CI AS

## MAIS CASAS

A quando da sua visita ao Porto, o Ministro da Habitação e Urbanismo e Construção, Eng.º Eduardo Pereira, prometeu à C.M.E. 40 casas pré-fabricadas.

## FESTAS DE VERÃO

*Dia 28* — Concurso do Vestido de Chita (a); Variedades na Feirinha.

*Dia 29* — Variedades na Feirinha com Florbela Queiroz e Norberto de Sousa.

### TODOS OS DIAS

À tarde — Voleibol — III Torneio de Verão da A.A.E.

À noite — Futebol de Salão — Torneio da A.A.E.

(a) As inscrições encontram-se abertas no posto de Turismo.

## ESCOLA PREPARATÓRIA DE SÁ COUTO

### ESPINHO

Avisam-se os encarregados de educação dos alunos que tiveram disciplinas em que se iniciaram as aulas, somente a partir do mês de Fevereiro de 1976, que deverão comparecer no dia 26 de Agosto, pelas 19 horas, no Ginásio, desta Escola, sito nos ângulos das ruas 19/26, a fim de lhes ser comunicado o horário referente a aulas de compensação.

## 277 NOVAS HABITAÇÕES

De acordo com informações que recolhemos, estão a ser ultimados os trabalhos para a adjudicação da empreitada que há-de tornar realidade as 277 habitações, a construir pelo Fundo de Fomento da Habitação, na zona da Ponte de Anta.

O projecto, da responsabilidade do urbanista da Câmara de Espinho, arquitecto Marques Aguiar, é para arrancar ainda este ano, espera-se, e apresenta três tipos de habitação: 110 fogos com dois quartos, 119 com três quartos e 48 com quatro quartos.

Todo o processo de designação dos futuros moradores nessas casas é regulamentado pela Portaria 343/74. Os interessados terão que con-

correr, quando o respectivo concurso vier a ser aberto. A renda será paga em função dos rendimentos do agregado familiar, calculando-se o seu montante pela seguinte fórmula:

$R = 0,15 X + 0,00238 X^2$  (por X entenda-se o rendimento mensal do chefe de família e cônjuge, em contos).

Quer dizer: um agregado familiar que tenha um rendimento mensal de 10.000\$00 pagará uma renda de 1.738\$00. Um agregado com o rendimento de 18.000\$00 pagará uma renda de aproximadamente 3.500\$00. O total da renda não poderá ser inferior a 14% ou superior a 20% do rendimento mensal.

## ÚLTIMA HORA

Segundo informação do Eng.º Fortuna Pereira, da Direcção do Fundo de Fomento de Habitação do Norte, terá lugar no próximo dia 30 de Setembro, o concurso da empreitada das 277 casas na Ponte de Anta.

## «VACANÇAS» DESPORTIVAS

A recente medalha olímpica de Armando Marques parece ter inspirado o emigrante Augusto Ferreira Reis, em gozo de férias, que, à falta de pratos, decidiu partir os vidros da Estação de Caminho de Ferro. Tocado pelo valor desportivo do «françuguês», o Chefe da estação conduziu-o à esquadra — «Podium» onde a P.S.P. teve a seu cargo a distribuição do merecido correctivo.

## GOLPE FALHADO POR POUCO

O sr. Manuel Ferreira de Castro, empreiteiro, da Venda de Baixo, Lourosa, pensou ir de abalada até à Venezuela, com um saltinho pelo Canadá, sem despendar um tostão e ainda com umas ajudas de custo.

Para as passagens, pensou na agência «Os Capotes» sita em Espinho, onde pagou ao sr. António Pinto um cheque de 21.000\$00. Este, prudentemente, passou-lhe o respectivo recibo, mas convidou-o a ir lá outro dia a levantar as passagens. Nessa altura o Manuel Castro, pressentindo as intenções do funcionário da agência, disse que estava bem, mas que então não levantasse o cheque pois quando viesse buscar as passagens traria aquela quantia em notas.

No sábado dia 14, pela manhã, o nosso candidato a viajante apresentou-se de novo na agência, mostrando ter estudado bem o golpe pois é normal nesse dia a ausência do Sr. Pinto. Aí foi «empaleando» a empregada que, apesar de prevenida, acabou por ir na conversa do burlão e entregou-lhe as passagens.

Na segunda-feira 16, pela manhã, entrou nova personagem em cena: o

sr. Manuel Alves da Costa e Couto, de S. Paio de Oleiros. Este apareceu na agência, indagando se o outro Manuel ali havia cobrado passagens para o estrangeiro. Ao saber que sim, não escondeu a sua aflicção pois tinha em seu poder um cheque de 80 contos que dele recebera e suspeitava não ter cobertura.

Foi também nesse momento que o sr. Pinto se apercebeu do deslize da sua colega e telefonou para a TAP que informou que o Manuel levantaria vôo cerca das 14 horas e que, legalmente, nada poderiam fazer para o deter. Na P.S.P. foi informado de que era necessário que a falta de cobertura dos cheques estivesse confirmada pelo estabelecimento bancário, para que aquela corporação podesse intervir.

O resto foi rápido: o sr. Pinto deslocou-se ao Porto onde o Banco confirmou aquilo que já era evidente e pôs os carimbos competentes nos cheques. Formalizada a queixa na polícia, o próprio Comandante tomou a seu cargo o assunto e o pássaro viu a Judiciária a cortar-lhe as asas, a poucos minutos de levantar vôo.

## JÁ LÁ NÃO ESTAVA

O sr. Artur da Silva Martins alistou-se no grupo de involuntários que, ao levantar-se pela manhã, não encontram as estimadas viaturas que haviam deixado à porta de casa.

A decisão foi tomada na noite de 16 para 17 passados e o sr. Artur apresentou queixa contra quem o «ajudou» em tão desagradável passo.

Se vir por aí um Ford-Escort de matrícula LA-25-68, é a sua vez, leitor, de poder intervir no assunto.

## CRIANÇA DEBAIXO DO COMBOIO

Vinte e dois meses foi quanto durou a curta vida da Judite Cristina, que morreu de forma trágica, debaixo de um comboio, por volta das 17 horas do passado dia 19, perto da casa onde morava, ao norte de Espinho.

A propósito disto lembra-se que existe um murete, um pouco mais para norte do local do acidente, que seria suficiente, se prolongado, para evitar ocorrências como esta. De facto, a morte justifica plenamente que se faça a vedação da linha, a fim de minorar as hipóteses de mais acidentes.

A criança era filha de José Luís Gonçalves Moleiro e Judite do Carmo Martins Moleiro, retornados de Angola.

## COITADO DO «FIEL AMIGO»

serve para que incógnitos badalhocos aliviem a carga. Depois vêm chafurdos achar, crianças brincar, e zambões a passar e tuão se conjuga para criar a estrada mais «lixada» das redondezas.

Foi este o cenário escolhido por açambarcador frustrado (?), merceiro distraído (?) ou vagomestre descuidado (?) para ali lançar quantidade apreciável de bacalhau podre. Para a rapaziada da zona foi uma festa: há bacalhau pendurado por toda a parte.

Numa rápida vista de olhos pela zona detectamos ainda feijão em quantidade razoável, um monte de pão, um enorme saco de sardinha assada. Ao fim e ao cabo, alimentos que na maior parte das casas tanto custam a entrar são assim esbanjados por gente que merecia um bom par de surras. Em era de austeridade... quem lhas dá?

## J. PINHEIRO DE MORAES

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

## MARÉ VIVA O JORNAL DA REGIÃO

## MARÉ VIVA

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, scl

Redacção — Rua 62 n.º 251-1.º  
Telef. 921621

ESPINHO

Director

António A. Santos

Fizeram este número:

Adriano Cardoso - Ana Maria - António Letra - António Santos - Dário Capela - Carlos Silva - Emã Letra - Joaquim Fidalgo - Jorge Catarino - José Carlos Gonçalves - José Vasconcelos - Fernando Campos - Laura Gaio - Márcio Candoso - Marais Gaio - Vítor Sousa e Américo Oliveira

Colaboração especial:

Albertino Pinheiro - Carlos P. Morais e Tibério Coelho

Composição e Impressão

Officinas Gráficas

da Casa Nun'Alvares — Porto

## FARMÁCIAS

QUARTA — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

QUINTA — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

SEXTA — Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

SABADO — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

DOMINGO — Farmácia Teixeira  
Rua 19 n.º 46 — Telefone 920352

SEGUNDA — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

TERÇA — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

# Câmara Municipal de Espinho

EDITAL N.º 200/76

ARTUR PEREIRA BARTOLO, VICE-PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ESPINHO:

Faço público que, em cumprimento da deliberação tomada por esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 7 de Agosto de 1976, e em face do Regulamento para atribuição de Habitações Sociais, aprovado pela Portaria n.º 343/74, de 29 de Maio, com as alterações estabelecidas pela Portaria n.º 327/75 de 27 de Maio, foi resolvido proceder à atribuição, a título precário, das 16 moradias do Bloco Habitacional em Espinho (16 apartamentos), localizados no lugar da Marinha (Bairro Piscatório), freguesia de Silvalde, deste Concelho, de Tipo Mínimo (T 1/2) duas pessoas a famílias pobres de Espinho, mediante licença deste Município, sob a forma de alvará.

A renda mensal será determinada pela seguinte expressão:

$$R = 0,15 X + 0,00238 X^2$$

X = Rendimento mensal do concorrente e do cônjuge, em contos, determinada na Portaria n.º 327/75 de 27 de Maio.

Os requerimentos dos concorrentes deverão dar entrada directamente, ou mediante remessa em carta registada, com aviso de recepção, nesta Câmara Municipal e no prazo indicado.

Os requerimentos deverão ser acompanhados do questionário anexo à mesma Portaria, completamente preenchido pelo concorrente e certificado por declarações apostas ou comprovado por certidões passadas pelas entidades nele referidas.

Nesta conformidade, são convidados todos os interessados a requerer a ocupação das aludidas habitações no prazo de 30 dias, a contar da data da publicação do presente edital no «Diário da República» e outros periódicos ou meios de divulgação convenientes, segundo se estabelece no artigo 3.º daquele citado diploma legal.

Após a recepção dos mencionados requerimentos, esta Câmara Municipal deliberará sobre a concessão daquelas moradias, em conformidade com formalidades prescritas no citado diploma legal.

E, para constar, se lavrou este, que vai ser publicado no «Diário da República» e seguidamente nos Jornais «Maré Viva» e também «Defesa de Espinho», e afixados nos lugares do estilo.

Espinho e Paços do Concelho, 11 de Agosto de 1976.

O Vice-Presidente,

(a) Artur Pereira Bartolo

## LOUROSA

### A PROPÓSITO DE UM DESPEJO IMINENTE

Existe em Portugal uma lei que prevê despejos. Muito certo. De contrário bem poderíamos viver regaladamente na casa alheia sem pagar renda, e muito difícil seria avançar com estradas e melhoramentos públicos se alguém se recusasse a sacrifícios.

Também está certo que àqueles que esperaram, em certos casos anos, por uma casa e, à última da hora, a vejam ocupada por outros, seja feita justiça.

O que não está certo, mesmo nada, é o descarado abuso que se vem fazendo dessa lei. Para um país que quer construir o Socialismo, onde se professou pela defesa dos mais desfavorecidos, o espectáculo diário dos despejos é um insulto. É uma autêntica vergonha nacional.

Os poderes públicos falam na necessidade de incentivar o investidor na construção, de lhe recuperar a confiança, etc.

É dos livros. Tirando alguns países do Leste, não consta que haja lugar algum no mundo onde a questão habitacional tenha sido resolvida sem o concurso do investidor privado. É corrente citar o exemplo de países que, tendo subestimado esta verdade, viram o problema fortemente agravado.

Mas julgarão os mesmos poderes que o candidato a senhorio há-de ser sempre um carneiro vampiresco que necessita de ver correr o sangue dos miseráveis para se sentir seguro?

A avaliar pelo que mostram os jornais e a televisão ultimamente, parece que sim.

Estão errados, meus senhores. Têm de pôr mão no assunto. É a Revolução que o pede e o Povo que o exige.

O investidor privado apenas precisa que as rendas assegurem vantagens financeiras sobre outras formas de aplicação da poupança. Precisa sim de leis que o protejam de vigaristas e salteadores, e não de leis que o tornem a ele em vigarista e salteador legal, e precisa de medidas sociais que assegurem, no caso de desemprego ou doença do inquilino, o pagamento da renda.

É urgente pois rever a lei de

modo a que por um lado se levem em conta estas necessidades e por outro se ponha cobro aos abusos. De contrário, o espectáculo não pára.

Em vez de surgirem casas, surgem despejos e mais despejos. A falta de habitação aguça a gulodice e arromba o escrúpulo de «sanguessugas vorazes» bem à vontade nos meandros dos tribunais que, como é inegável, servem de preferência as classes possidentes. O indivíduo que

no papel, que é a única coisa que sabe escrever.

Passados uns tempos, os vizinhos começaram a falar que nós podíamos ser postos fora. A partir daí o meu marido começou a ir pagar a renda, com testemunhas. Uma vez, chegou mesmo a pedir o recibo. Nessa altura, o representante da senhoria disse-lhe: «Se quer recibo, pague-me mil e quinhentos escudos que é quanto a casa vale».

Depois, como é fácil adivinhar, veio o postal da Vila da Feira e o julgamento. O julgamento...

— Oh Senhor, o julgamento na Vila da Feira...

Ninguém pôde falar, nem o senhorio, nem nós, que o juiz não deixava falar ninguém.

Lá apareceu o tal papel que o meu marido tinha «assinado»; com data de 1964, veja lá!, e a dizer que a gente saía da casa quando o senhorio quisesse.

Nem sabemos se saiu sentença. Recebemos cá uma carta do advogado a dizer que tínhamos de entregar a casa.

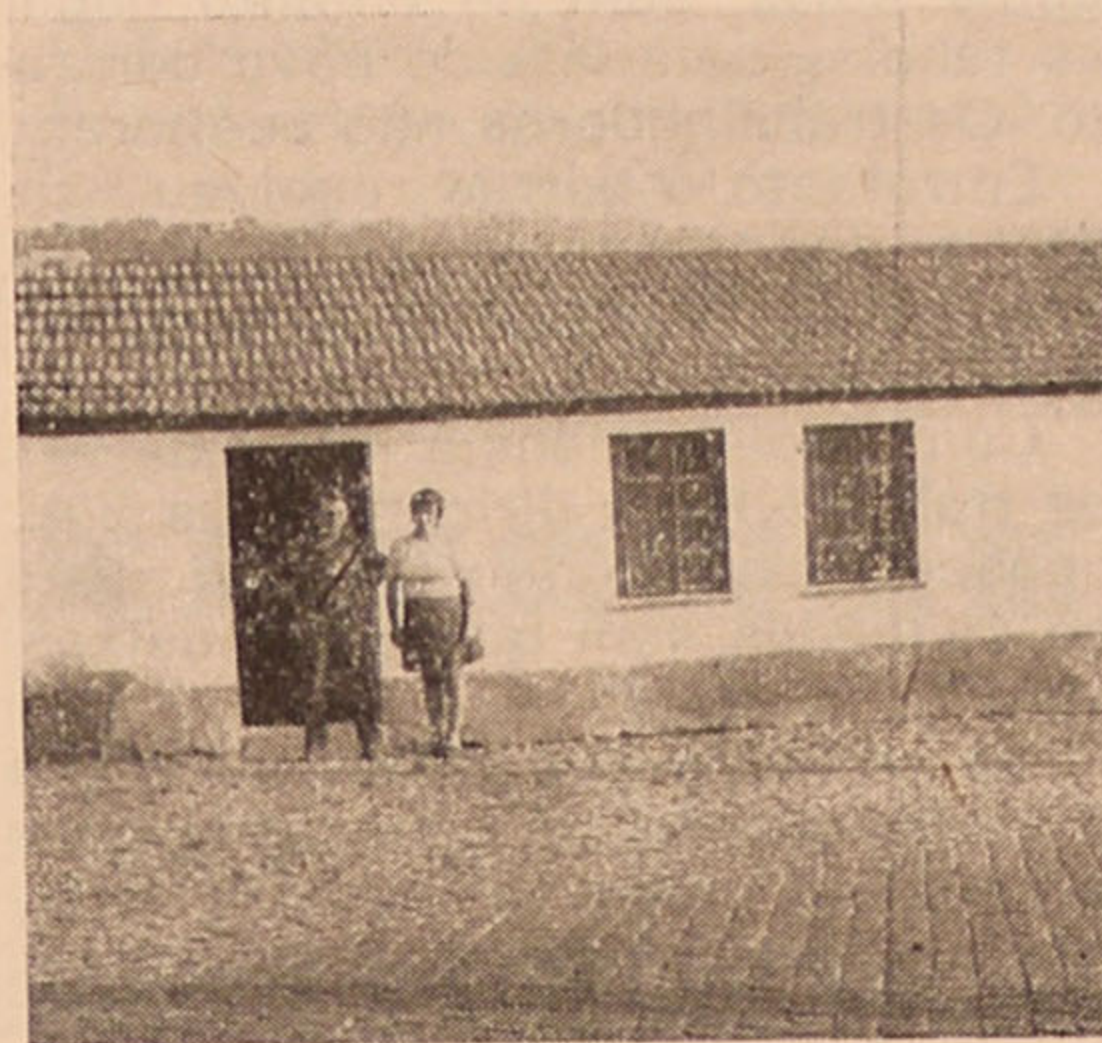
Mas para onde é que eu havia de ir? Com um marido tuberculoso, desempregado há cinco meses; com uma velha parálitica de 88 anos; eu própria, e a minha filha, com uma doença de nervos, que já esteve internada no Magalhães Lemos? Aqui em Lourosa, até já os aídos dos porcos estão alugados.

Pegámos na carta do advogado, fizemos outra, e entregámos à esposa do General Ramalho Eanes, quando esteve no porto.

Aqui fica para o leitor a história, já referida em alguns jornais diários e como leram, do conhecimento do Presidente da República.

Ela é igual a muitas outras. Ainda recentemente, tivemos oportunidade de relatar, noutro jornal, um caso parecido ocorrido na Marinha, em Silvalde.

Fica bem claro, pelo final, que o Povo ainda confia em quem manda. Que quem manda saiba tirar conclusões!



O casal ameaçado de despejo

pensa investir preferirá tudo menos entrar para clube tão mal afamado.

Vem tudo isto a propósito de uma conversa que tivemos, em Lourosa, com a Sra. Irene Mota e seu marido. Este casal está ameaçado de despejo da casa em que vive há doze anos.

A história é velha. Ouçamo-la nas palavras da própria:

— Aqui no Lugar (Vila Verde), pouca gente passa recibo. Esta casa nem sequer está registada. Começámos por pagar duzentos escudos, depois trezentos e depois quinhentos escudos de renda mensal.

No fim do ano passado, a pessoa que recebia as rendas — um familiar da senhoria — apareceu com um papel em branco, muito aflito, dizendo que andava aí a fiscalização, a ver se o meu marido assinava, que era para pôr tudo legal. O meu marido é analfabeto como eu, de modo que, na sua boa fé, desenhou o nome

## GRIJÓ

### Centro Cultural e Desportivo da COTESI

No próximo domingo, dia 29, Grijó vai ter festa. Será inaugurado o Centro Cultural e Desportivo da Cotesi, facto importante que merece ser festejado, pois não abundam no nosso país as associações dedicadas à cultura do espírito e ao corpo em bases autenticamente novas. O programa começa cedinho, pelas 8 horas, com o hastear de bandeiras. Às 9 horas haverá missa no

Mosteiro e, pelas 10,30 horas, futebol: a Cotesi defronta os Craes de Sousa. À tarde há baile, depois há provas de atletismo para todos (dos 6 aos 99 anos...). Para finalizar, o Centro Cultural de Grijó apresentará uma peça de teatro, às 21,30 horas.

Uma coisa nova que nasce traz sempre consigo muitas esperanças. Longa vida para o Centro e um trabalho proveitoso em favor dos muitos operários daquela unidade fabril são os votos de «Maré Viva».

## ESPINHO TEM UM NOVO JORNAL

«Ou Vai... Ou Racha» é nome de jornal. Quem o faz é a Comissão de Moradores da Marinha e será mensal. «Maré Viva» (a quem o novo jornal se referiu, lembrando uma reportagem sobre a Marinha publicada tempos atrás) saúda este novo companheiro da imprensa regional, desejando-lhe bom trabalho num meio cujas graves carências são conhecidas de todos nós.

Aproveitemos para lembrar que este é o segundo jornal publicado na nossa região por uma Comissão de Moradores (o outro é «O Querer do Povo», da Comissão de Moradores de S. Pedro), facto que não é demais realçar.

## Bombeiros Voluntários de Espinho

A direcção dos Bombeiros Voluntários de Espinho pede a melhor compreensão do Povo espinhense para o peditório que elementos da Corporação, irão levar a efeito no próximo domingo.

## PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO

## MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º — Telef. 921014

# AFINAL COMO É?

«Nunca mais a lei será letra morta neste País».

Palavras do Presidente da República, General Ramalho Eanes, proferidas na conferência de imprensa dada no auditório da Gulbenkian, depois das eleições presidenciais.

Sempre que os trabalhadores ao longo dos últimos dois anos têm desenvolvido as suas lutas pela conquista de melhores condições de vida é vulgar levantarem-se certas vozes contra a anarquia.

Muitas são as vozes que neste nosso País clamam pelo cumprimento das leis. Mas que leis são as que certas vozes querem que se cumpram? As leis do anterior regime ainda em vigor? Ou as leis que os trabalhadores souberam conquistar? É infelizmente certo que as leis que certos saudosistas queriam que se cumprissem eram as leis antigas ainda não revogadas, e isto porque as leis que são reais conquistas do Povo Trabalhador, essas são sistematicamente esquecidas.

Vem isto a propósito do que sucede em muitas das nossas empresas relativamente ao Contrato Colectivo de Trabalho.

É um facto que depois de lutas tenazes em que os Sindicatos apoiados pelos Trabalhadores seus associados, têm conseguido negociar contratos colectivos com as Associações Patronais, vêm, no final, que aquela lei que é o contrato colectivo não é cumprida em muitas Empresas.

Esta situação é invariavelmente agravada pela incapacidade do Ministério do Trabalho dispor dos instrumentos necessários para impor o cumprimento da lei. É evidente que tal situação origina um desgaste terrível nos trabalhadores, obrigando-os, não raras vezes, a utilizarem formas superiores de luta como a greve para imporem os seus direitos.

A nossa região não tem sido excepção neste cenário! Todos recordamos a luta travada ao longo dos meses pelos Trabalhadores da Vigorosa. Vejamos, também, a luta que desde Julho de 1975 os Trabalhadores da Gráfica de Espinho vêm travando. Vê-se aí o exemplo de um patrão que utilizando as mais variadas manobras se tem negado ao cumprimento do Contrato Colectivo e isto com uma certa complacência das entidades que deveriam fazer cumprir a Lei. De facto até que os Tribunais de Trabalho actuem passam tempos intermináveis. Pensamos que não basta o sr. Presidente da República e o Governo di-

zerem que não mais a lei será letra morta no nosso País. É preciso cumprir.

Para os leitores que eventualmente a não conheçam, aqui fica a história:

Em Julho de 1975 há a publicação do CCT que apresenta efeitos retroactivos a partir de 1 de Maio. O patrão recebe a circular em Agosto.

Como os trabalhadores continuassem a receber o mesmo ordenado, estes abordaram o patrão que lhes propôs aceitarem trabalhar até ao fim do ano pelo antigo CCT e que a partir de 1976, caso houvesse dinheiro, passaria a pagar mais alguma coisa, sem no entanto pagar as tabelas salariais do novo contrato. Os trabalhadores não aceitaram.

Entretanto o patrão resolveu vender a sua quota e a da mulher por apenas 10.000 escudos a cunhados (emigrantes).

Como consequência do exposto, os trabalhadores dirigem-se às F.A., conseguindo não deixar sair do País os cunhados sem que estes deixassem gerentes.

Na prática o que resultou foi que o antigo patrão continuasse a gerir a empresa como se fosse dele, fugindo deste modo às responsabilidades que tinha enquanto empresário.

Em face disto, os trabalhadores dirigiram-se ao Sindicato e ao M.T., conseguindo que este enviasse um delegado que, verificando o não cumprimento da tabela, levantou um auto notificando a cumprir o CCT.

Esta intervenção parece ter removido o patrão, levando-o a um acordo com os trabalhadores (Março de 1976) muito embora sem atingir os salários estipulados no CCT, o que cumpriu durante duas semanas. Depois, o patrão queria também que assinassem um documento a «perdoar» os retroactivos e até a diminuir os salários acordados. Os trabalhadores não assinam.

Entretanto, gerado o impasse, o caso seguiu para o Tribunal do Trabalho, pois que, notificado pelo M.T. e Câmara, o patrão se nega ao cumprimento do CCT e a qualquer acordo satisfatório, pese a boa-vontade dos trabalhadores, que estavam dispostos a prescindir dos retroactivos de 1975 (incluindo férias e 13.º mês) desde que os mesmos fossem empregues na compra de uma nova máquina.

Neste momento, os trabalhadores estão a receber com base na antigo CCT, mas os produtos que saem da empresa são fixados a preços novos e as encomendas nunca rarearam, antes pelo contrário.

## NO CELEIRO: distribuem-se comunicados

Os frequentadores habituais do Supermercado Celeiro foram surpreendidos ultimamente por uma vaga de comunicados.

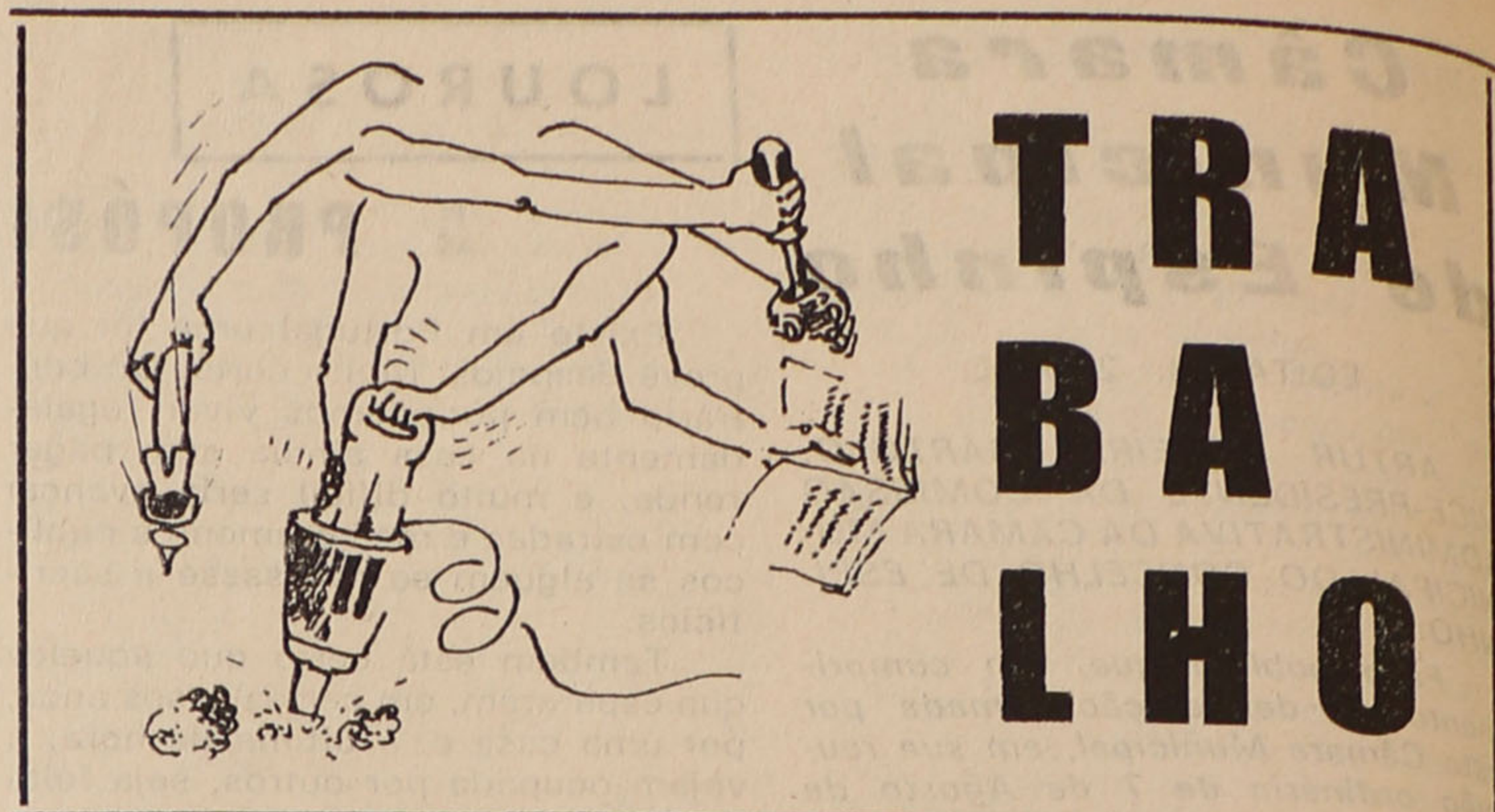
Na base de tal eclosão está um desentendimento havido, nos princípios do passado mês, entre dois empregados que chegaram a «vias de facto», o que levou a gerência a suspender um deles.

O Sindicato respectivo tentou servir de mediano para conseguir uma conciliação dado que estava em causa a iminência de despedimento do trabalhador. Como nada foi conseguido, surgiu um comunicado em que era comentado o carácter «pouco compreensivo» de um dos gerentes. Em resposta a este, veio um outro

que discordava com os termos daquele.

Ao que parece, este pequeno desaguisado não prejudica a solidariedade que a maioria dos trabalhadores manifesta para com o colega suspenso, sentindo, como sentem, que qualquer um deles está sujeito a «escorregar». Por seu lado o Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros permanece disposto a defender este seu associado como, aliás, é sua obrigação, neste ou em qualquer outro caso. A própria gerência deve estar interessada na resolução do assunto dado que está a pagar ao empregado e não usufrui da sua competência.

Fazemos votos que o caso se resolva a contento de todos.



## Notas sobre uma carta

## Carta da «Pereira Alves»

O conteúdo da Carta que recebemos da gerência da fábrica «Pereira Alves» pouco teria a anotar dado que apenas reforça aquilo que foi matéria de notícia no número 7 de «Maré Viva». No entanto, até porque a memória das gentes é curta, não podemos deixar de rebater reparos que nos são feitos e das respostas que nos são pedidas.

1. Diz a gerência da «Pereira Alves» que o jornalista não ouviu a «outra parte».

Que nos lembre, no assunto que noticiámos apenas as pessoas contactadas — os trabalhadores — estavam em risco de perder o seu ganha-pão. E, é mais do que certo, eram as únicas que se encontravam, na fábrica, em defesa do mesmo. A «outra parte» tinha abandonado o local.

No entanto, se ouvir a «outra parte» significa, para a gerência, transmitir a posição da entidade patronal, isso fizemos nós! e com escrupulo. Prova-o a Carta da própria gerência. Ou não é verdade que o que se diz na Carta coincide com o que disse o artigo?

2. Pensa a gerência que o jornalista do «Maré Viva» aconselha a laborar com outras fibras.

Nós aconselhamos a gerência a ler com atenção a matéria publicada pois não nos lembramos de ter feito tal. Transmitíamos sim a opinião dos trabalhadores — que achamos válida — de que, sendo facto que a fábrica está a laborar, há meio ano, com outras fibras e não tem mercadoria em «stock», está provado que o produto se vende.

3. Afirma a gerência que o jornalista do «Maré Viva» aconselhou os trabalhadores a pôr um pano, etc.

Francamente, os três (não um) elementos deste jornal que estiveram na «Pereira Alves» tiveram tanto para ouvir e registar, que mal puderam falar. Ainda por cima, ignorará a gerência que os trabalhadores têm uma organização própria, chamada Sindicato, e só nessa costumam confiar? Bem mal iriam se fossem atrás dos «conselhos» dos primeiros gazetistas amadores que lhes surgissem na frente.

4. Pergunta a gerência se chamamos «lock-out» à falta de matéria-prima.

Nós não! Apenas perguntávamos se a «situação difícil de definir» que relatávamos seria o prelúdio de um «lock-out». Agora, responde-nos a gerência que não. Ótimo. Isso significa que os trabalhadores vão receber, no fim do mês, o seu salário e que o problema por nós relatado deixou de existir. Está encerrado o assunto?

5. A gerência da «Pereira Alves» queixa-se dos «ouvidos moucos» de algumas entidades e organizações a que recorreu para tentar resolver o problema da falta de caíro. Pede mesmo es-

Exmo. Senhor

Utilizando o direito de resposta que nos é facultado ao abrigo da Lei da Imprensa, vimos levar ao conhecimento de V. Ex.ª mais alguns pormenores sobre o motivo da paralisação da nossa pequena indústria, não para nos justificarmos perante certas pessoas, mas para esclarecermos outras mais bem intencionadas, que conhecendo a nossa firma há 42 anos, poderão por certo ser levadas a outros quaisquer maus juízos.

Lamentamos que o jornalista do vosso semanário, desejando fazer um bom trabalho, não tivesse procurado ouvir a outra parte (entidade patronal) pois poderia até, melhor esclarecido, ter contribuído ao lançar outra espécie de notícia, para ajudar os trabalhadores desta mesma empresa, alertando entidades responsáveis para que as mesmas pudessem agora fazer aquilo que a nosso pedido não fizeram.

Os leitores do vosso jornal deverão antes de mais saber que esta firma, prevendo que a matéria-prima essencial ao fabrico de CAPACHOS DE CAIRO se iria esgotar, não só na fábrica mas também no mercado nacional, teve o cuidado, há mais de 3 meses, de alertar entidades, Ministério do Trabalho e Sindicatos dos Capacheiros, para o que poderia advir dessa falta da matéria-prima e disso são testemunhas as mesmas entidades, não o poderão negar.

O inevitável deu-se, as matérias-primas esgotaram-se por completo no nosso País, teremos culpa disso? Entretanto, devemos salientar que

(Conclui na página 5)

paço no nosso jornal para expor o problema.

Pois com certeza que sim. Temos em elaboração um trabalho sobre o sector e nada impede que a opinião da gerência da «Pereira Alves» aí caiba.

Não faz sentido que patrões e trabalhadores gastem o dobro em papel e tinta a expor às mesmas entidades o mesmo problema comum. É necessário que nas pequenas empresas tapeteiras se encontre a fórmula de entendimento que permita unir esforços na salvaguarda de tantos e tantos postos de trabalho, e ambas as partes importam para tal. É claro que surgirão dificuldades, principalmente se se pensar que essa fórmula pode continuar a ser o agravamento da situação de desfavorecidos da maioria dos trabalhadores destas empresas.

Mas... aguardemos melhores opiniões.

# Senhor Director das Instalações Escolares, basta de burocracia

O Presidente da República, General Ramalho Eanes, fez finca pé, durante o período da sua candidatura e já depois de investido, na necessidade de que, neste País, se comece a trabalhar. Lançamos daqui o nosso modesto alerta, no sentido de fazer ver que, com o peso da burocracia que sobrecarrega o andamento das obras de interesse público, nunca os departamentos do Estado poderão servir de exemplo a apontar por quem está animado de tão justos desígnios.

O que se passa em Espinho é de bradar aos céus. Bastará citar as obras da estrada de ligação à Granja e o Infantário cujo processo começa a to-

mar um volume escandaloso, tal é a incapacidade de resposta dos organismos estatais face ao dinamismo da actual Comissão Administrativa da C.M.E., e aquilo de que queremos falar — o projecto de construção de um complexo escolar e desportivo, situado no quarteirão abrangido pelas Ruas 20, 29, 22 e 31.

A concretização deste projecto é da maior urgência. Ele compreende oito salas de aula o que é apenas a oitava parte das necessidades do concelho. Para melhor compreensão, veja-se que as oito salas já existentes, pertencentes à escola da «Tourada» estão já a ser exploradas em regime triplo o que é de

todo antipedagógico. Se juntarmos a isto as vantagens que se advinham pela criação de instalações desportivas e piscina; se contabilizarmos as horas de trabalho para a Construção Civil local; se levarmos em conta os postos de trabalho que vão ser criados; mais custa compreender e aceitar a negligência com que a Direcção das Instalações Escolares tem encarado o caso.

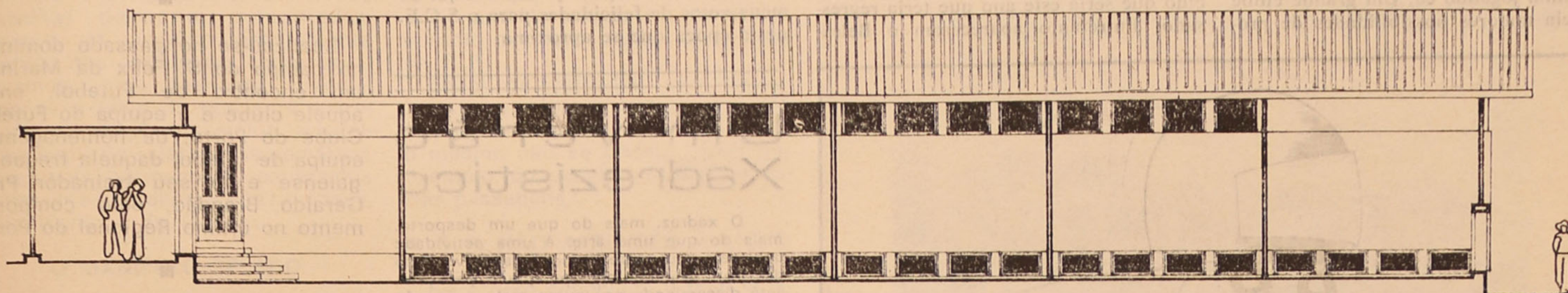
Meus senhores, nem sequer lhes estão a pedir dinheiro. Se a C.M.E. só precisa de autorização para arrancar com as obras, de que estão à espera?

Que se passa?

Há três meses que foi apresentado à Direcção das Instalações Escolares o

projecto de que damos alguns apontamentos e que resultou da introdução de algumas alterações, por sugestão daquela Direcção, ao anteprojecto previamente apresentado, e aprovado pela mesma. Pois apesar de todas as recomendações de urgência contidas na memória descritiva do projecto e nos officios e telefonemas dirigidos àquela Direcção pela C.M.E. ainda não veio ordem para abrir o concurso.

Ex.mo Senhor Director das Instalações Escolares, esta Cidade exige de si trabalho — uma resposta. É necessário que a obra arranque pois a população começa a ficar saturada de só ver figurinhas nos jornais. Venha o parecer dinâmico que todos esperam e merecem!



Fachada Norte da Piscina Escolar

## Trabalho

### Na Pereira Alves

(Conclusão da pág. 4)

possuímos em carteira, substanciais encomendas de CAPACHOS DE CAIRO, que talvez já não conseguisse esta firma executar os mesmos até ao fim do corrente ano.

Que podemos trabalhar com outras fibras? — Agradecemos o conselho, mas perguntamos: — Para servir qual ou quais encomendas? Isto é quase como chegar a uma fábrica de vestuário, desejar comprar umas calças e ter que comprar por imposição uns calções.

Não desejamos obrigar o jornalista em questão, que desconhecemos, a ser industrial de capacharia, não desejamos também que ele passe a vendedor dos mesmos capachos, pedimos-lhe só que não se acredite de facto no que lhe dizemos, mas aconselhamo-lo a que se aprofunde mais na matéria colhendo informações por outras fontes, mas principalmente e porque desejamos que o jornalista, os leitores e toda a gente saiba o que se passa, pedimos, que nos seja facultado mais espaço no vosso jornal para que melhor posamos pôr todos ao corrente.

Diz-se no vosso jornal que «Os trabalhadores fizeram uma detalhada exposição ao Ministério do Trabalho». Pena foi que se tivesse omitido (entidade patronal) e em sua substituição se colocasse o nome (trabalhadores).

Desejam saber o que de frutífero trouxe tal exposição por nós feita? — Ainda hoje aguardamos, tanto o auxílio por parte das Pequenas e Médias Empresas Industriais ou da Associação das Indústrias, esta última a quem pagamos uma quota mensal, já nos abandonou há muito.

Chamam, então «Lock-out» feito pela Pereira Alves à «falta de matéria-prima» no nosso País?

Talvez tenhamos ocasião de soli-

Ei-los.

Chegaram aos montes, dezenas, centenas, milhares. Em combóios intermináveis numa viagem que parecia não ter fim. Nos aviões em que nunca tinham sonhado poder andar. Em carros, cheiinhos até ao telhado, e mesmo por cima do telhado, a abarrotar de malas, sacos, saquinhos, bugigangas, prendas, recordações, coisas.

Vieram de qualquer maneira, como foi possível. Da melhor maneira possível.

Vieram. E cá estão. Tantos, que até é difícil contar. Tantos, como nunca se tinha visto antes. Já há até quem, brincando, fale nas Segundas Invasões Francesas. Algumas povoações minhotas, transmontanas e beiroas foram mesmo «conquistadas». Pelas pessoas e pelos carros. As matrículas estrangeiras bem o demonstram.

Cá estão. São muitos, por isso dão nas vistas, são notícia, são assunto de conversa ou comentário. Que pensam os de cá?

Há quem os olhe com inveja.

«Tá a ver, amigo? Este gajo que andou comigo na escola, trabalhou ao meu lado na fábrica e era miserável como eu, vai-me prá estranja dois ou três anitos e aparece-me aí com um carro impecável, boa roupa, cheiinho de guita... Pelo que ele conta, aquilo lá é uma vida do caraças! E eu por cá estou, miserável na mesma, talvez com uns tostõezitos mais... Qualquer dia dá-me cá ganas e abalo também!»

citar ao senhor jornalista, comprove a difamação de que estamos sendo alvo, pois não só se limitou a pensar, mas também a aconselhar os nossos trabalhadores a colocarem o dístico à porta, para que assim esta firma, durante toda a sua existência pudesse pela primeira vez ser «achincalhada» e em cujo painel se podia ler:

## Bonjour! Ça Va?

Há quem os olhe com alegria.

«É uma alegria ver por aqui este pessoal todo. Foram lá para fora, mas continuam a gostar cá disto, das nossas coisas, do nosso comer. Logo que podem, dão cá um salto. E não há dúvida que dão um ar diferente e alegre à vida aqui. Mesmo que tenham por vezes uns exageros, acho que é uma coisa muito boa isto de eles virem cá.»

Há quem os olhe com menosprezo.

«Vêm para aqui estes tipos cheios de importância, só lá porque sabem dizer umas coisas em «franciú», porque ganham uns tostões e têm um carro jeitoso, já se julgam estrangeiros melhores que a gente toda. É o que lhe digo, têm a mania que são superiores à gente. Já não nos ligam, só compram do bom e do melhor para a gente ver que eles é que têm, gastam quanto querem, nem ligam às regras de trânsito, acham que eles é que sabem tudo... Enfim, não são todos, claro, mas a alguns parece que ir à França dá-lhes volta ao miolo...»

Há quem os olhe com certa distância.

«Eles lá têm a vida deles e eu cá tenho a minha. Dizem que lá é tudo muito bom, muito melhor do que cá, mas não me importo. A gente também sabe que eles lá dão bem o corpo, e é se querem, às vezes até vivem em fracas condições. Certamente que há lá coisas melhores do que cá. Mas aqui também se vive e também se come. Havendo trabalho e vontade de trabalhar, também aqui se pode ganhar a vida.

A coisa está melhor do que estava e ainda há-de melhorar mais. Para isso é preciso a gente estar cá. Se fosse tudo lá para fora, não ficava cá ninguém para puxar por isto.»

E, enfim, há quem não se preocupe muito com o assunto.

Vieram, pois, estão cá muitos, são olhados com olhos diferentes. E olhamos, a nós, também diferentemente. Uns com superioridade saloia, outros com natural igualdade. Estes com basófia apenas, aqueles com calma sinceridade e camaradagem. Uns ostentando a riqueza com que nunca sonharam, outros apenas satisfeitos por poderem viver melhor um pouco. Estes fazendo de conta que isto é um país de selvagens e só eles são civilizados, aqueles olhando para Portugal como o seu país, para os portugueses como homens, talvez diferentes dos estrangeiros mas igualmente dignos, homens.

Eles aí estão. Muitos. Mais dia, menos dia, abalam outra vez. Alguns de boa vontade ficariam, se lhes dessem que fazer. Lá fora, as saudades apertam e... vida de trabalhador é sempre vida de trabalhador, aqui ou lá.

Estão cá, por um mês, sequiosos de notícias, ansiosos por contar as maravilhas dos reinos desconhecidos além-Pirinéus. Vivem com sofreguidão os 30 dias das férias, que têm que chegar para os filhos, para a praia, para a família, para os amigos, para as compras, para tudo. Mais dia, menos dia, lá vão de novo. Lá vão, muitos deles apenas esperar pelo Agosto do próximo ano.

ciência do que se passa. Nós também estamos conscientes de que o momento é de facto grave, não só para eles trabalhadores como para a firma PEREIRA ALVES & IRMÃO, mas não estamos com remorsos de que a culpa nos caiba.

Eles não estão em greve, «Nós não faremos nunca «Lock-out».

A Gerência

«NÃO ESTAMOS EM GREVE ESTAMOS A OCUPAR OS POSTOS DE TRABALHO QUE O PATRÃO NEGA COM «Lock-out» DISFARÇADO».

De facto foram os trabalhadores desta empresa que mal aconselhados o colocaram, mas dias passados, foram eles somente que com consciência o retiraram. Eles têm cons-

# Entrevista com JESUS

## Um guarda-redes espinhense na I divisão

Jesus começou as suas lides futebolísticas no Sporting de Espinho, na categoria de juvenis. Passou depois pelo F. C. do Porto (juvenil e júnior) e como sénior pelo Chaves e pelo Lourosa. Pretendido este ano pelo Salgueiros, Leixões e Beira-Mar, acaba por ser contratado por este último, entrando assim na disputa do Nacional da I Divisão.

«Maré Viva» ouviu-o acerca do que tem sido a sua carreira.

«M. V.» — Qual a razão por que deixaste o S.C.E. quando ainda eras juvenil?

— Ir jogar para o F. C. do Porto representava uma possibilidade que eu não tinha jogando cá. Um grande clube oferecia maiores possibilidades de pro-

moção, melhores condições de trabalho, ainda que tenhamos que nos esforçar muito mais.

«M. V.» — Nunca mais foste contactado para voltares ao «teu» clube?

— Fui, depois de ter terminado a época de juniores, mas não aceitei porque as condições não eram boas. Nem dava para manter a minha mulher e filha. Ainda nesta época voltei a ser contactado, mas a nível dum associado que gostava de me ver no clube, mas o S.C.E. atravessava uma situação difícil, por não ter ainda direcção e as finanças andarem por baixo. Se não fosse este inconveniente, estou convencido que seria este ano que teria regressado. Entretanto apareceram o Beira-

Mar, o Leixões e o Salgueiros interessados no meu concurso.

«M. V.» — Porque recaiu no Beira-Mar a escolha?

— Além de ser da I Divisão, ofereceu-me melhores condições que os outros clubes.

«M. V.» — Pensas voltar a vestir a camisola dos «tigres»?

— Tudo depende das próximas duas épocas no Beira-Mar e das condições que o S.C.E. me possa oferecer, pois não concordo com os ordenados pagos aos jogadores da terra que são muito inferiores aos dos atletas que vêm doutros clubes. Mas para já deixo aqui os meus votos de felicidades para o S.C.E. nesta época que se aproxima.

# SABIA QUE...

Todos os jovens de ambos os sexos interessados em praticar BADMINGTON, devem comparecer às Terças, Quartas e Sextas-feiras, a partir das 18 horas no pavilhão do Sporting de Espinho.

Além das secções de Pesca Desportiva e de Futebol, o Clube Académico de Espinho, acaba de criar a secção de CICLISMO. Desde já fazemos votos para que esta modalidade vá para a frente em Espinho, e quem sabe, ver um dia o Clube Académico na Volta a Portugal.

Realizou-se no passado domingo, no campo do S. Félix da Marinha, um encontro de Futebol, entre aquele clube e a equipa do Futebol Clube do Porto, de homenagem à equipa de futebol daquela freguesia gaiense e ao seu treinador Prof. Geraldo Brandão, pelo comportamento no último Regional do Porto.

Como não podia deixar de ser, já que Espinho é grande no Voleibol, reina grande entusiasmo na juventude espinhense, à volta do 3.º Torneio de Verão, organizado pelos juvenis da Associação Académica de Espinho, com o patrocínio da Comissão de Festas de Espinho. Segundo informações obtidas junto dos responsáveis, este ano deve ser batido o recorde de clubes inscritos.

Realiza-se no próximo dia 3 de Setembro, pelas 22 horas, na Associação de Voleibol do Porto, uma Assembleia Geral para eleição dos corpos gerentes com vista à época de 1976/77. Lembramos que a anterior Direcção tinha pedido a demissão ainda muito tempo antes de terminar o seu mandato. Vai sendo altura dos clubes espinhenses indicarem nomes, para fazerem parte da lista, que nos parece ir ser difícil de concretizar.

Com a realização no próximo sábado, pelas 22 horas, no Salão Nobre do Grande Casino de Espinho, do concurso «Vestido de Chita», terminam as organizações da Comissão Conjunta do Sporting e Académica de Espinho, marcadas para o mês de Agosto. Todas as interessadas em concorrer a este certame, deverão fazer a sua inscrição no Posto de Turismo. Para o mês de Setembro, a mesma Comissão está a programar diversas realizações, entre os quais o Vestido de Chita Infantil e Festival de Intérpretes Infantil.

# Um verão Xadrezístico

O xadrez, mais do que um desporto, mais do que uma arte, é uma actividade que, pelo seu interesse no desenvolvimento das aptidões mentais dos que o praticam, está disseminada por quase todo o mundo e aconselhado sobretudo à juventude.

Infelizmente, em Portugal, o interesse desta modalidade foi ignorado durante longos anos, deixando-se a sua prática a uns poucos, a quem o entusiasmo pelo xadrez permitia ultrapassar as difíceis condições em que eram deixados.

Só recentemente a D.G.D. lhe deu a importância devida, dando assistência material aos clubes já existentes, promovendo o aparecimento de novos clubes levando o xadrez às escolas e promovendo cursos de monitores.

Em Espinho, a responsabilidade de animação do xadrez tem sido assumida pela Secção de Xadrez da Associação Académica de Espinho que durante os seus três anos de existência tem vindo a desenvolver uma actividade deveras interessante, orientada principalmente para a juventude da zona.

Assim durante os últimos verões são promovidas diversas actividades de divulgação do xadrez, com um programa bem recheado. É o caso deste verão, onde já houve divulgação a cargo de animadores da D.G.D., E.N.D.O. e F.A.O.J. que na praia utilizaram tabuleiros e peças gigantes com assinalável êxito. Estão também previstas novas sessões de divulgação na Piscina.

A par destas actividades ao ar livre de divulgação directa, a competição também tem um lugar importante. Lembremos o torneio de partidas rápidas e o torneio de equipas já realizados, o torneio aberto a decorrer e ainda as próximas realizações dum Torneio Enigma e de uma simultânea com Fernando Silva, campeão nacional e mestre internacional. Espera-se que esta simultânea repita o êxito do ano passado, quando cá se deslocou o mestre internacional e então campeão nacional Joaquim Durão.

Entretanto, a carreira da Secção da A.A.E. em provas oficiais tem sido francamente positiva. Lembremos por exemplo, o terceiro lugar obtido no Campeonato Regional por equipas.

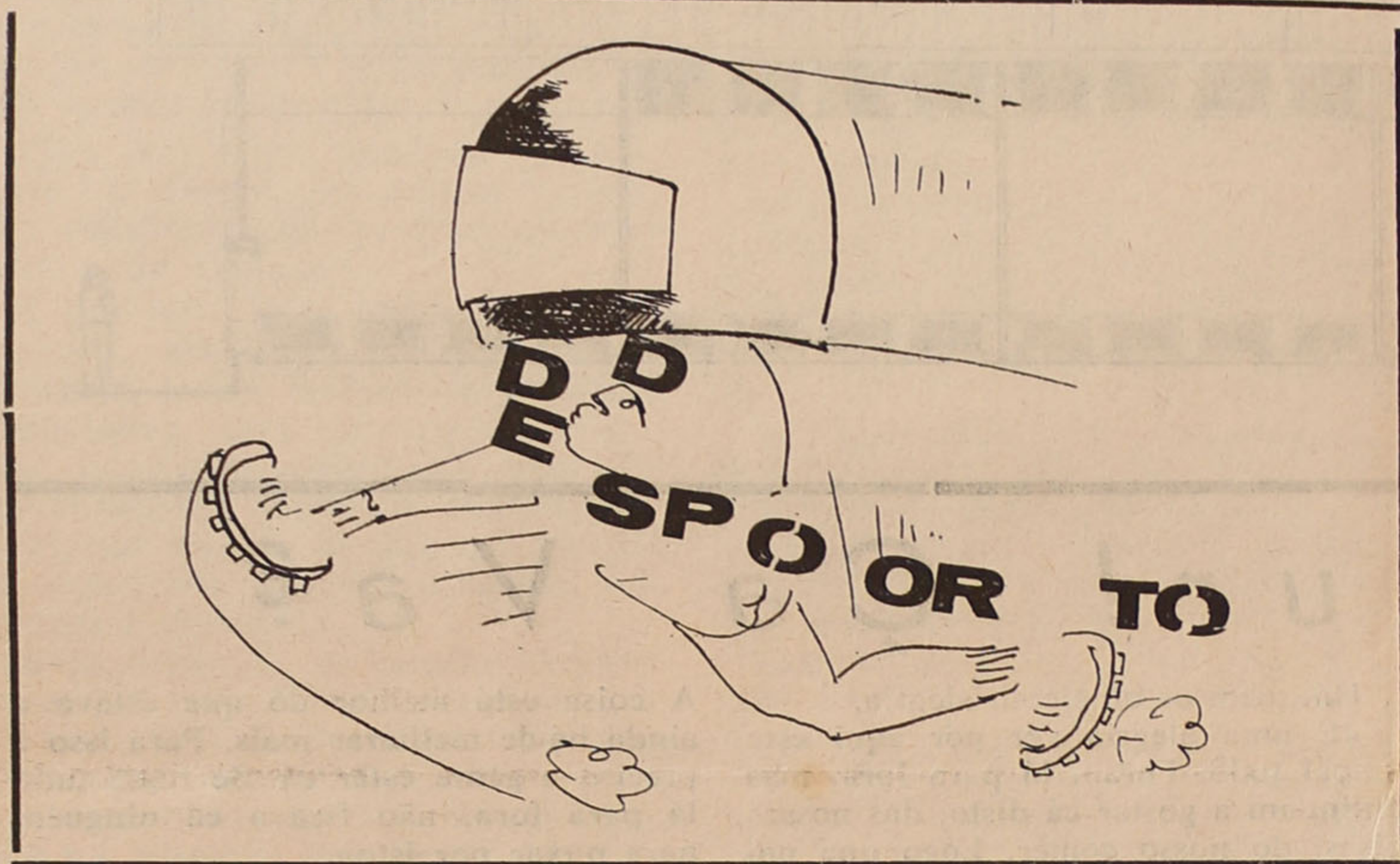
Mais recentemente é de realçar a participação de seis dos jogadores da Secção da A.A.E. no Campeonato Regional do Porto que, entre 76 concorrentes se situaram após quase dois meses de competição em Matosinhos, entre o 20.º e o 36.º lugares.

Não há pois «estrelas» na Secção da A.A.E., mas sim um grupo homogéneo de jogadores, quase todos bastante jovens, o que atesta do bom trabalho de captação da Secção.

Está ainda em disputa o Campeonato Nacional de juniores onde se deslocou um dos jogadores da Secção da A.A.E.

Enfim, a movimentação tem sido grande e para isso tem concorrido a abertura total do salão da Secção da A.A.E. a todos os que queiram praticar ou aprender o xadrez.

E o leitor se sabe jogar xadrez e não quer esquecer ou quer simplesmente aprender a jogar não tem mais do que se deslocar à Secção na sede da A.A.E., onde o material e a boa vontade das pessoas estão ao dispor de quem lá quiser aparecer.



# FUTEBOL

## O S. C. E. e a nova época futebolística

Vamos hoje falar do plantel futebolístico do S.C.E., focando com maior relevância as aquisições com vista à época que se avizinha.

Assim, e como já assistimos a alguns treinos e ao jogo de apresentação, julgamos poder fazer uma apreciação da equipa e sobre as suas possibilidades no próximo campeonato.

Começando pelos guarda-redes, estamos certos que aí o S.C.E. não deverá ter problemas já que o ex-portista Quim tem demonstrado excelentes recursos para o lugar e o ex-leixonense Serrão, apesar de ainda não estar no melhor da sua forma, afigura-se-nos como um elemento capaz de cumprir.

Já a defesa, parece-nos ser o sector da equipa a inspirar maiores cuidados. Efectivamente, se os laterais direitos e mesmos os centrais satisfarão as necessidades da equipa, já dos defesas-esquerdos não podemos dizer o mesmo, porquanto, pelo que até agora podemos observar, nem Castanheira nem Gomes fazem esquecer o actual boavisteiro Amaral.

Na linha média, sector chave de

qualquer equipa, os espinhenses estão bem apetrechados e poderão obter excelentes resultados, quando o espírito irrequieto do ex-leixonense Vaqueiro ou de João Carlos, se combinar perfeitamente com a serenidade e a certeza do ex-Covilhã Alemão ou dos «veteranos» Gentil e Meireles.

O ataque, que foi o sector que sofreu maior sangria, aparece totalmente renovado com a inclusão de dois ex-Lourosa (Serrão e Reis) e do ex-cufista Juvenal, qualquer deles elemento com provas dadas e com características óptimas para o tipo de futebol que se pratica na II Divisão.

Para finalizar esta apreciação, queremos apenas fazer uma chamada de atenção a três jovens que caso lhes sejam dadas oportunidades poderão confirmar as excelentes qualidades já demonstradas. São eles o defesa Pereira, o médio Gonçalves e o avançado Chico, este vindo do Arcozelo.

Finalmente resta-nos fazer votos para que os espinhenses tenham um comportamento condigno com as suas possibilidades, apesar de sabermos que os obstáculos a transpor serão muito difíceis.

# III Torneio de Futebol da Costa Verde

Quinta-feira, 26 — Às 21.30 horas  
ESPINHO — FEIRENSE

Sexta-feira, 27 — Às 21.30 horas  
BEIRA MAR — LOUROSA

Sábado, às 20.15 e 22 horas

Jogos entre VENCIDOS e VENCEDORES

# Salsicharia do Mercado

Especializada em carnes fumadas das melhores regiões

JULIA GOMES SOARES (Cadete)

Rua 18 Mercado Municipal (Praça)  
ESPINHO

# Uma cidade partida em duas

de. Assim, esperas de 15 e 20 minutos são frequentes e fazem com que muitos procurem a passagem de nível sem guarda junto do Matadouro que passou a ser o local onde os acidentes são mais frequentes.

Resultado deste modo que, apesar da maior segurança das cancelas automáticas, a sua pouca eficiência transporta os acidentes para a passagem sem guarda.

Na impossibilidade de contactarmos um técnico do sistema de funcionamento automático das cancelas da cidade, procurámos saber junto de cada passagem e na própria estação da possibilidade de serem abreviados os períodos de fecho das cancelas que ao comum dos cidadãos parecem exagerados. Quanto ao aspecto estritamente técnico não obtivemos, como esperávamos, uma resposta precisa. Apenas a ideia de que será extremamente difícil um maior aperfeiçoamento do sistema automático. Para mais pormenores, esperamos poder vir a abordar um dos responsáveis técnicos da C. P.

## O MANÍPULO SELADO

Pudemos saber no entanto que é possível a intervenção humana no sentido de fazer diminuir o tempo

de fecho das cancelas, nomeadamente quando são mais prolongadas as paragens dos comboios na Estação. Isso pode ser feito pelos guardas das passagens de nível, instruídos pela Estação, e pela própria Estação. Aliás, no caso do «Vouguinha» as cancelas são sempre accionadas manualmente.

Compreende-se, todavia, a responsabilidade que assumem os empregados da C. P. ao utilizarem estes processos e o cuidado que deve merecer essa utilização. Acontece assim que nos comandos instalados na Estação um dos manípulos que permite a abertura das cancelas, em certas circunstâncias, está selado, o que significa que o seu accionamento tem de ser justificado perante os responsáveis superiores da C. P.

Enfim, os cuidados são muitos no que se refere a este aspecto das passagens de nível de Espinho. Já o mesmo não se poderá dizer, por exemplo, do estado do piso das várias passagens.

## A C. P. NÃO APRENDEU A LIÇÃO

Se é bem conhecido o mau estado das diversas passagens de nível que temos, o da rua 33 excede tudo a que estávamos habituados.

## A morte espreita

Já atrás dissemos que muitos dos automobilistas que não querem esperar pela abertura das várias passagens de nível da cidade recorrem à que se encontra em frente ao Matadouro Municipal e que não tem guarda nem cancelas. E aí está o grande busílis do caminho-de-ferro em Espinho. A prová-lo o grande número de acidentes que ali se registam, quantos deles mortais.

Falando com o sr. Quintas que louvavelmente ali presta auxílio a todos os que atravessam a linha, indicando-lhes a aproximação ou não de um comboio, soubemos que são da ordem das quatro e cinco centenas os automóveis que diariamente utilizam aquela passagem. Para isto concorrem vários factos para além do que atrás apontámos. A proximidade de dois bairros populosos, a ocorrência de muitos veículos que vindos do Sul querem escapar ao trânsito da estrada nacional, e, no Verão, a procura cada vez maior da praia daquela zona. Como isto não bastasse para convencer os responsáveis da C. P. de ali instalarem guarda ou cancelas, acresce ainda

a proximidade de uma escola e creches que leva um grande número de crianças a utilizar aquela passagem.

Apesar disto, uma recente observação daquela passagem por um técnico da C. P. veio confirmar a atitude daquela companhia, que sustenta que nada é preciso alterar, dado que o trânsito não o justifica e a passagem se encontra numa recta.

A propósito disto, o sr. Quintas explicou que a visibilidade era muito deficiente, pois uma casa de um lado e um muro do outro obrigam os veículos de maior envergadura a colocarem o rodado já sobre a via férrea para verem se podem passar em segurança. Mais ainda, algumas composições — o «Rápido», por exemplo — quando vêm do Sul chegam a atingir velocidades da ordem dos 120 km/h o que torna aquela passagem ainda mais perigosa.

O descuido da C. P. vai ainda ao ponto de ignorarem a largura demasiadamente reduzida da passeadeira onde mal cabem dois veículos a par e que levou a que já alguns automóveis que não se conseguiram manter

Por necessidade de dar um certo «relevé» nessa zona, disseram-nos, a C. P. não se fez rogada e deixou ali, para quem quiser ver, uma lombada muito acentuada que, quando não faz mais estragos, põe bem à prova a suspensão das centenas de veículos que ali passam diariamente.

Disse-nos uma das guardas dessa passagem que é frequente os automóveis baterem com o «chassis» nessa saliência provocando, já por diversas vezes, estragos importantes em automóveis de condutores

(Continuação da página 1)

menos conhecedores do estado do piso da passagem.

Já mesmo uma camioneta da C. P. teve de ali ser retirada à força de braços, depois de bater com a sua estrutura na lombada.

Esperar-se-ia que a C. P., depois de sentir de perto as consequências do seu desmaselo, tomasse providências. Mas não. A C. P. parece não ter aprendido a lição, pois não se vislumbra qualquer movimento de arranjo do local.

## «O HOMEM QUE VÊ PASSAR OS COMBOIOS»



Treze anos a fio, do nascer ao pôr do sol, ali está ele, apoiado na sua bengala, espreitando cuidadosamente, ao fundo, o aparecer de mais um comboio.

Sorridente, no acenar afirmativo a mais um automobilista, conta-nos o perigo daquela passagem sem guarda e dos muitos acidentes já ali ocorridos.

Uma vida.

«Fui pescador... Mas fiquei impossibilitado, por um acidente que tive, e agora estou aqui...»

De reforma mil escudos, da Casa dos Pescadores.

Gorgetas e pequenos óbulos dos automobilistas e dos maquinistas.

Até quando continuará aquela figura, sol, chuva e comboios, sem nada ganhar, sentado no seu banqueto a vislumbrar o aparecer da «máquina-de-ferro»?

A C. P. parece que ainda não o conhece...

Para que saiba, o seu nome é Manuel Quintas e encontra-se todos os dias das 9 às 20 horas a guardar a passagem de nível sem guarda da Marinha.

nela tivessem de ser recolocados na passeadeira à força de braços.

Não será preciso dizer muito mais. Talvez apenas lembrar que aquela praia vai sofrer, no próximo Verão, um grande aumento de frequência e que nos fins-de-semana de Verão o número de veículos chega a um milhar.

E se não nos esquecermos da outra passagem sem guarda da linha

do Vouga ali bem perto, poderemos ter uma ideia de como se pode tornar perigoso andar em Espinho de automóvel, velocípede ou mesmo a pé.

Acabamos com uma pergunta. Vamos esperar pelas grandes soluções — fala-se num viaduto — que não se sabem quando aparecem, enquanto se continua a morrer nos caminhos-de-ferro de Espinho?

## Pinturarte

**Armando Alves Ribeiro**

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística  
Rua 18 N.º 943 — Telef. 921412 — ESPINHO

Móveis — Espelhos e Molduras  
— em todos os estilos —  
Candeeiros — Louças — Cristais  
— Alcatifas — Electrodomésticos, etc. —

## Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

**Cardoso & Valentim, Lda.**

APARTADO 13

SEIXEZELO

ARGONCILHE

CASA LUISA NOGUEIRA

## João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

## Pintura de Automóveis

com RAPIDEZ e PERFEIÇÃO

**Alzira Pereira de Azevedo**

CARAGENS: ABEL — SOUSA  
— S. PEDRO

## Quiosque Subterrâneo

JORNAIS — REVISTAS — TABACO

A SUA MÃO

Na passagem sob a via férrea

# RASCUNHOS

Um fulaninho bem quer, mas não consegue parar o tempo. A partir de uma certa idade não voam só as horas, mas também os dias, os meses e os anos. Um tipo ainda mal acabou de suar às estopinhas com o calor de Julho e já anda abafado em peças e mais peças de roupa a dois dias da passagem do ano. Um pobre pecante ainda há pouco sentiu fugir-lhe pelos dedos o subsídio de férias e já está à rasca para pagar as contribuições. E, quando olha para o tempo decorrido, e conta quantos anos tem de mundo, diz, de si para si mesmo: *estou lixado, estou mesmo lixado, já passei dos cinquenta.*

Está então na altura de lembrar colegas dos tempos de calção e tentar localizá-los agora. Aí surge mais um golpe, e bem forte. Fulano foi-se de enfarte de miocárdio. Beltrano ficou desfeito há anos num desastre de automóvel. Cicrano penou meses e meses, roído por mal que acabou por levá-lo à cova. E a gente não se resigna, não aceita, e tenta disfarçar, para não ver que já viveu mais do que tem a viver, que cada vez está mais próximo o dia em que deixará

de ser. Custa aceitar isto, mas como ninguém ficou, até hoje, para semente, não há outro remédio senão dar uma volta às coisas e virar as costas aos pensamentos tristes.

Um dia destes vi no jornal um daqueles anúncios de falecimento em que a família manifesta a sua dor, os empregados lamentam a morte do seu «querido patrão» (ainda há disso), e se faz pungente apelo para a participação dos amigos no funeral que se realizará às tantas horas do dia tantos do lugar tal para o cemitério tal. A ilustrar tal anúncio uma fotografia, com a cara do fulano que se fora desta para melhor. A cara não me era desconhecida. O nome também não. Pareceu-me que se tratava de um antigo condiscípulo dos bancos do colégio. Não quis aprofundar. Os tipos da minha idade não morrem. É o morres. Cá estou eu para exemplo desta verdade. E vá de virar para a página onde estavam as palavras cruzadas, porque esta vida são dois dias. O que é preciso é acordar vivo.

Carlos P. Morais

## Um livro bom um livro barato

Título: **POEMAS**  
Autor: **B. Brecht**

Editora: **Ed. Presença, Col. Forma**  
Preço: **35\$00**

Seleccionámos para esta semana um livro de poesia, género literário pouco difundido ao nível do comum dos leitores. Os livros de poemas vendem-se pouco, são deixados mais para os estudiosos, para os entendidos; porém, é precisamente em forma de poesia que podemos encontrar alguns dos exemplares mais belos da literatura popular, em Portugal como lá fora. Talvez leiamos pouca poesia porque nunca teremos sido motivados para tal. Talvez não tenhamos muitas vezes tempo nem disposição para pensar, para perceber, para sentir a mensagem dos poetas, o que é pena, pois há por aí livros maravilhosos a ganhar pó nas livrarias.

O livro que hoje sugerimos é de B. Brecht, um autor alemão que se celebrou sobretudo pelas peças de teatro que escreveu, e que era impossível ver representadas no nosso país antes de Abril de 1974. Mas B. Brecht também escreveu poesia, uma poesia não muito bonitinha, muito lírica, a falar só de flores e pardalinhos. É uma poesia por vezes dura, como dura é a vida; é uma poesia que reflecte «as causas concretas das dificuldades da vida e da inclemência dos tempos». Como se diz num estudo sobre o autor, que é uma ótima introdução do livro, «**B. Brecht não se encoleriza — ridiculariza; não se indigna — propõe reflexões; não pede sentimentos — pede mudanças.**»

Embora a sátira, a ironia, o humor, também façam parte da poesia de B. Brecht, a verdade é que ele pretende muito mais do que divertir. A sua poesia é sobretudo didáctica, tentando, sem dogmatismos ou superioridade paternal, levar-nos a pensar nas situações concretas de dominação, de exploração, no comportamento dos homens perante as coisas. Dirige-se à inteligência das pessoas, obriga a pensar com a própria cabeça, tentando assim apelar à acção comprometida pela liberdade. Pela libertação. Os leitores não podem ficar-se apenas pela admiração: «Poesias boni-

tas!» Não. B. Brecht quer mais que isso. A sua poesia quer levar os homens a trabalhar pela sua libertação e pelo progresso da História. Porque só depois é que virá outra poesia, mais bonita, mais lírica, mais descansada. Depois, quando já não for preciso lutar, como o é ainda hoje. Como diz Maiaikovski, um outro poeta importante: «**Primeiro / é preciso / transformar a vida / para cantá-la / em seguida.**». Hoje é preciso transformar.

A poesia de B. Brecht fala por si, melhor do que nós. Por isso aqui fica um poema do livro, e que esperamos seja um bom «aperitivo» para o resto da obra.

*A injustiça avança hoje a passo firme.  
Os tiranos fazem planos para dez mil anos.*

*O poder apregoa: as coisas continuarão a ser como são.*

*Nenhuma voz além da dos que mandam.  
E em todos os mercados proclama a exploração:*

*isto é apenas o meu começo.  
Mas entre os oprimidos muitos há que agora dizem:  
Aquilo que nós queremos nunca mais o alcançaremos.*

*Quem ainda está vivo nunca diga: nunca.  
O que é seguro não é seguro.  
As coisas não continuarão a ser como são.*

*Depois de falarem os dominantes  
Falarão os dominados.*

*Quem ousa pois dizer: nunca?*

*De quem depende que a opressão prosiga? De nós.*

*De quem depende que ela acabe? Também de nós.*

*O que é esmagado, que se levante!*

*O que está perdido, lute!*

*O que sabe ao que se chegou, que há aí que o retenha?*

*Porque os vencidos de hoje são os vencedores de amanhã.*

*E nunca será: ainda hoje.*

## Exposição Fotográfica

SOBRE ASPECTOS DA VIDA EM

# CUBA

— CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO

— ANTES E DEPOIS

NO SALÃO DA PISCINA

De Sábado, 28 de Agosto a Domingo, 5 de Setembro

Organização da ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL/CUBA

— ENTRADA LIVRE —

## NASCENTE cineclube

No próximo dia 27, sexta-feira, na Piscina, pelas 21.30 horas, o Cineclube leva a efeito uma sessão com o filme de Arthur Penn — «PEQUENO GRANDE HOMEM». Interpretam Dustin Hoffman e Faye Dunaway.

Entrada reservada a sócios, no entanto admitem-se novos sócios no início da sessão.

## CINEMAS

### S. PEDRO

Dia 25, Quarta-feira — **A TORRE DO INFÉRNO** — M/18 anos.

Será assim tão espectacular que mereça ser apresentado como o melhor filme do ano?

Não cremos.

Dia 26, Quinta-feira — **RELAÇÕES ESCALDANTES** — M/18 anos.

«Olhe que este filme não é fita...» De facto é uma grande escaldadela que se arrisca a «apanhar».

Dia 27, Sexta-feira, às 15.30 horas — **UM POR TODOS... TODOS POR UM** — M/6 anos.

«Les Charlots» dentro do cómico não nos oferecem nada de novo, mas à falta de melhor...

Dia 27, Sexta-feira, às 21.30 horas — **A FÚRIA DO DESEJO** — M/18 anos.

Sem desejo e com fúria ficará, se por acaso tiver a má ideia de ir hoje ao cinema.

Dia 28, Sábado — **A QUADRILHA SELVAGEM** — M/18 anos.

Veja este filme e discuta-o, já que Sam Peckinpah é um realizador que merece a nossa atenção.

Dia 29, Domingo — **MÉDICOS E MULHERES** — M/18 anos.

«Os médicos sabem os segredos íntimos de todas...» e mais adiante «as mulheres dos médicos tinham tudo...», o que nos leva a concluir a grande confusão em que redundará esta mistura de médicos, bisturis, enfermeiras, mulheres legítimas e ilegítimas, etc.

O mais natural, como indicam as estatísticas, é que apesar de tudo o que se possa dizer, as pessoas continuam a ingerir este tipo de produtos.

Dia 30, Segunda-feira — **A JOVEM ASSASSINADA** — M/18 anos.

Um filme de Roger Vadim, um realizador francês conhecido pelas suas obras, tecnicamente bem feitas, sendo os temas tratados superficialmente, usando aqueles ingredientes que poderão tornar o filme num produto relativamente lucrativo. Roger Vadim, um artifice do cinema encarado como indústria.

Dia 31, Terça-feira — **AMOR É SÓ UMA PALAVRA** — M/18 anos.

«Grande emoção num amor que incendeia duas idades!», este um dos «slogans» publicitários lançados em redor desta película. Quanto à emoção que este conceito de amor em «Eastmancolor» pode provocar nos espectadores, temos as nossas sérias dúvidas.

Mais um filme de baixa qualidade, que inunda o monotono e mediocre programa dos cinemas locais.

### CASINO

Dia 25, Quarta-feira — **UMA ESPADA PARA HOLLYWOOD** — M/6 anos.

A não perder.

Jerry Lewis merece toda a nossa atenção.

Dia 26, Quinta-feira — **AS NOITES LOUCAS DO HOTEL LUA DE MEL** — M/13 anos.

Num Agosto fértil em comédias, mais uma para esquecer.

Dia 27, Sexta-feira — **A VIDA COMEÇA AOS 20 ANOS** — M/13 anos.

O conflito de gerações é com certeza um problema em que muitas pessoas se vêem envolvidas.

Será que este filme oferece uma visão correcta do mesmo?

Dias 28 e 29, Sábado e Domingo — **DECAMERON N.º 2** — M/18 anos.

Aproveite a ideia e leia antes o livro do mesmo nome (sem o N.º 2) de Bocaccio, e não confunda esta versão cinematográfica do Decameron com a que Pasolini fez do mesmo livro.

Dia 30, Segunda-feira — **NORA — A BONECA DA CASA** — M/18 anos.

Tratando o problema da Libertação da Mulher este filme adaptado duma peça de Ibsen, merece ser visto ainda que com espírito crítico.